

Partindo do pressuposto de que as rebeliões estão presentes não só no acontecimento visível à sociedade, mas no cotidiano dos jovens em internação, este trabalho tem como objetivo refletir sobre as rebeliões numa unidade masculina de internação para jovens na Região Metropolitana do Recife-PE, buscando uma compreensão do fenômeno enquanto conflito social, refletindo a condição dos internados no cotidiano da instituição que os priva da liberdade e identificando a lógica que opera na administração dos conflitos diários.

A instituição pesquisada possui capacidade para 98 internos, atualmente recebendo perto de 300, entre 15 e 17 anos e meio de idade, vindos de várias cidades de PE. A maioria dos atos infracionais cometidos pelos adolescentes pesquisados é contra o patrimônio (roubo, art. 157 do CPB): total de 204 casos (em junho de 2007). Os dados foram obtidos através da observação direta, além de entrevistas com os atores sociais envolvidos.

A superpopulação que desumaniza, que torna as estruturas carcerárias insuportáveis para viver, é também um fator de interação entre os jovens, gerando-se uma rede de relações sociais, com formação de líderes, grupos rivais, elaboração de normas dos próprios internos, "moedas" de troca, armas confeccionadas dentro da instituição fechada, etc. Diante desse contexto social a instituição busca conter, não ressocializar.

As teorias de Michel Foucault (técnicas de poder e disciplina) e Erving Goffman (Instituição total e transformação do eu) servem para proporcionar uma aproximação teórica com a realidade vivida pelos atores sociais estudados, mas elas não são suficientes para explicar a lógica utilizada na administração dos conflitos diários. O "poder" e a "resistência ao poder" podem ser encontrados na instituição com uma lógica diferenciada das técnicas de disciplina demonstradas por Foucault. Da mesma forma, podemos encontrar uma mudança do "eu": os adolescentes quando entram na internação aprendem novas formas de agir, podem até se tornar mais "bandidos", segundo o estigma social que carregam, mas não saem "ressocializados", porque a disciplina funciona seguindo as normas do "lugar" e não as normas legais. Como, então, a instituição pesquisada administra seus conflitos internos, como mantém o controle? ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS: "A direção estipula uma regra, não cabe a nós passar por cima dessa regra não, mas a gente abre uma exceção pra eles não se sentir tão preso, pra eles não tentarem fazer rebelião." (Agente socioeducativo). JOGO DE CINTURA: Para explicar o JC foram utilizados os conceitos de "jeito" e "jeitinho" brasileiro, analisados por Roberto DaMatta e Lívia Barbosa. Categoria pertencente à direção institucional e monitores, o JC é o "jogo" de sedução, de busca (pela direção) da "confiança" do adolescente. Prepara o adolescente para receber o *habeas corpus*. "De um jeito ou de outro a gente tem que conquistar a confiança deles. Conquistar, entre aspas, a amizade, né... O que a gente tem que fazer pra conquistar a confiança deles? Conversar muito com eles, entendeu? Eu respeito porque é melhor a gente dar ouvidos... eles conversam, eu escuto, eles sentem [a confiança no monitor], tudinho." (monitor) "Através do psicológico, da conversa, através da consideração que ele conseguiu no cotidiano; o novato [agente] não consegue conter... Quando eles querem [rebelião] não tem quem segure." (outro monitor). O discurso do *jogo de cintura* é positivo, pode ser revelado como forma correta de agir. O HABEAS CORPUS é uma categoria interna caracterizada por um sistema de trocas, entre agentes (e direção) e adolescentes, oferecido aos internos como dádiva (Marcel Mauss), "benevolência", gerando obrigação de reciprocidade. O HC é recebido pelos adolescentes como forma de obter o mínimo de bem-estar no cotidiano: 05 minutos a mais numa partida de futebol empatada, biscoito ou café fora do horário de refeição, acesso às dependências da instituição fora das alas, cigarro. "*Habeas corpus* é [pausa], é mais ou menos, é assim: pronto, eu cheguei na ala, aí primeiro tem que conversar com os meninos, vê como é o sistema, vê outro monitor que é mais antigo, vê como é que ele faz pra poder me adaptar à ala... Aí vou vendo, né. Vê o que eles gostam, o que eles não gostam... Eu trouxe meu DVD pra eles assistirem, já é um *habeas corpus* que eu botei pra ala... Aí a gente deixando esse *habeas corpus* pra eles, a gente vai pegando *habeas corpus* na mão deles. "Esse monitor é limpeza, esse monitor é tranqüilo". Aí na rebelião: "dá *habeas corpus* pra ele." A gente conquista *habeas corpus* assim, no dia a dia, um gera o outro [*habeas corpus*]. Geralmente, um dia antes da visita, aí eu compro minha carteira de cigarros que fica comigo e trago uns pra aqui." (agente). Um adolescente define HC: "Assim, exemplo, o negócio do chuço mesmo, ele podia pegar e dar, né. Podia dar um quebra, mas não, ele pega e diz: "rapaz, ó, cuidado, porque se for outro monitor te pega". Aí já ganha *habeas corpus*. O que merece *habeas corpus* é esse. Ele dá cigarros." O diretor da instituição afirma: "A gente aqui trabalha com muita conversa e muita negociação". CONCLUSÃO: Existe uma instituição superlotada que busca a contenção dos internos e para isso utiliza o *jogo de cintura*. Através de muita conversa aproxima-se do adolescente para ganhar a "confiança" dele, seduzindo-o. Preparado o terreno, oferece pequenas regalias no cotidiano, quebrando certas normas internas. Assim, a instituição DAR *habeas corpus* para evitar a rebelião e manter o controle. O adolescente partindo da ameaça constante de rebelião passa a RECEBER *habeas corpus*, a fim de obter o mínimo de bem-estar e suportar os dias na prisão, obrigando-se a RETRIBUIR *habeas corpus* à instituição sob forma de bom comportamento, de colaboração. O poder institucional é exercido através da categoria *jogo de cintura* e a resistência a esse poder através da rebelião. O *habeas corpus* situa-se entre o *jogo de cintura* e a rebelião; entre o poder e a resistência. A ameaça rebelião é a forma de manter a troca, uma chama sempre acesa e alimentada no cotidiano. Como acontecimento visível, a rebelião não interessa à maioria dos atores sociais.

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, Lívia. O Jeitinho Brasileiro – a arte de ser mais igual do que os outros. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

DAMATTA, Roberto. O que faz do Brasil, Brasil?. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. A Representação do Eu na Vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.